



FOTOS: MARIO GALIANO / PRODUÇÃO: ANA REBELY / MQUILHAGEM; ROSARINHO

# LAURENTINO GOMES: “O BRASIL É A MAIOR INVENÇÃO DE PORTUGAL”

Nota: por vontade da autora, este texto não segue as regras do novo acordo ortográfico

por Rita Ferro

Chama-se Laurentino Gomes, é brasileiro, tem 54 anos, mora em Itu, no interior de São Paulo, provém de uma típica família de pioneiros desbravadores do Norte do Paraná, é casado com Carmen Gomes, jornalista e sua agente, escreveu sobre a fuga da família real portuguesa para o Brasil num livro a que chamou *1808* e, de uma hora para a outra, ganhou o prêmio Melhor Ensaio da Academia Brasileira de Letras e permaneceu três anos consecutivos na lista dos autores mais vendidos no Brasil e em Portugal.

Licenciou-se e pós-graduou-se em Jornalismo na Universidade Federal do Paraná, foi editor e repórter n' *O Estado de São Paulo* e na *Veja*, e director da editora Abril. Mas, antes disso, foi jardineiro, sapateiro, empacotador de supermercados, auxiliar de escritório, escritor, bancário e torneiro mecânico, orgulhoso de cada etapa que cumpriu para chegar ao que faz hoje: escrever.

Depois, o público gostou tanto, mas tanto do seu primeiro livro – pela generosidade de escrever

História de um modo tão cativante – que, dois anos depois, o autor resolveu escrever segundo livro, continuando a saga para nos contar como o Brasil, que teria tudo “para não dar certo” – o analfabetismo era geral e, em cada três brasileiros, “dois eram escravos, fofros, negros, índios ou mestiços” –, acabou por se viabilizar como nação independente e autónoma.

De passagem por Lisboa para lançar *1822*, foi convidado do professor Marcelo Rebelo de Sousa, na TV, tendo também aceitado,

por cortesia, encontrar-se com Rita Ferro em Lisboa, no Hotel das Letras, onde esteve hospedado. É um homem grande e amável, de sorriso fácil e discurso solto, sem pose de vedeta e unicamente focado no propósito de ensinar História de um modo claro e acessível, para chegar ao maior número de pessoas possível.

– Laurentino, parabéns, que sucesso colossal! A qual dos seus genes está mais reconhecido?

Laurentino Gomes – Obrigado, Rita, mas sou um típico brasileiro, orgulhoso de minhas origens portuguesas por parte de pai, e descendente de imigrantes italianos por parte de mãe. Estou reconhecido a todos os meus genes. É aliás essa mistura de

**“Quero manter a plena consciência a respeito do senso de missão do meu trabalho: ajudar a educar e a transformar as pessoas.”**

**De visita a Portugal,  
o premiado escritor  
brasileiro, autor  
de '1808' e '1822',  
conversou com  
Rita Ferro.**

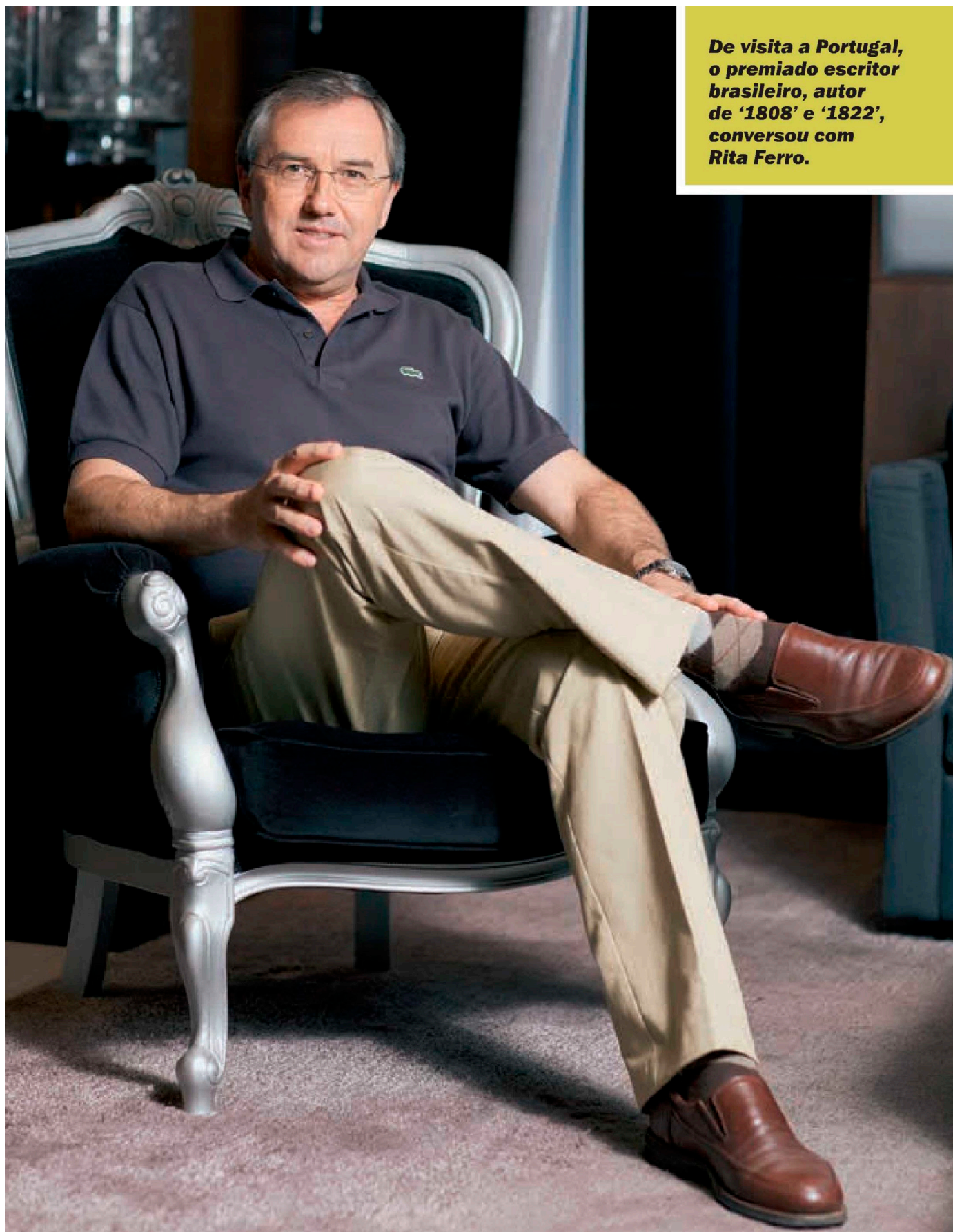




FOTO: MARIO GALLIANO

raças e culturas que faz o encanto da civilização brasileira.

– Parte da sua ascendência trabalhou em plantações de café: reconhece que o nosso café é melhor do que o vosso? [risos]

– Reconheço, claro, e louvo os portugueses pela capacidade de transformar e melhorar o nosso café! Quando estou em Portugal adoro entrar numa casa de cafés de manhãzinha e pedir um expresso encorpado, bem tirado, quase uma borra no fundo da xícara – forte e inesquecível como tudo que une brasileiros e portugueses.

– Reportando-me agora ao seu passado musculado: teve profissões humildes e de prestígio, e agora é autor. Que experiência o instruiu mais?

– Ninguém deve desprezar o seu passado. O que sou hoje é resultado das experiências acumuladas desde a infância, às vezes em

situações difíceis e que pareciam, naquele momento, levar a lugar nenhum. Hoje, olhando para trás, percebo que foram todas muito valiosas.

– Para quem foi apanhado desprevenido por um sucesso deste calibre, a sua atitude é de grande humildade e serenidade. Não sente, interiormente, uma efervescência a desatiná-lo?

– Tenho uma certa aversão ao culto obsessivo que a sociedade contemporânea dedica às celebridades, Rita. Embora bem sucedido, quero ser um escritor que mantém a plena consciência a respeito do senso de missão do meu trabalho – de ajudar a educar e a transfor-

mar as pessoas – e do longo e difícil caminho que me trouxe até aqui.

– Laurentino: sente-se em si a relutância de se outorgar como escritor. Mas se escrever é comunicar, e se um livro só está completo quando é lido,

você, com todo esse consenso do público, da crítica, dos seus pares e até da Academia, tem mais legitimidade do que a maioria dos escritores!

– Sou um criador, Rita, não vou negar. E recebo com grande alegria o carinho que os leitores me dedicam. Mas isso jamais pode se converter em arrogância. Minhas origens católicas me fazem lembrar sempre do alerta

---

**“Tenho uma certa aversão ao culto obsessivo que a sociedade contemporânea dedica às celebridades.”**

---

na Quarta-Feira de Cinzas: *“Lembre-se que és pó e que ao pó voltarás”*.

– A propósito: esteve prestes a ordenar-se sacerdote. Fale-nos um bocadinho dessa sua experiência, em que aprendeu Latim e leu as grandes epopeias de Homero e de Virgílio...

– Pelo lado paterno, venho de uma família conservadora, que tinha o hábito de enviar o filho mais velho ao seminário. Como sou o mais velho de quatro irmãos, estava destinado a ser padre. Frequentei o seminário menor, entre os dez e os 13 anos. Logo percebi que minha vocação não era essa, mas foi ali que aprendi noções rudimentares de Latim, Francês, Inglês, e fui iniciado no hábito da leitura, que mudou os rumos da minha vida.

– Mantém-se cristão praticante?



**Laurentino esteve em Lisboa com a mulher, Carmen Gomes, jornalista e sua agente. Nota-se neles uma harmonia firme, uma aliança forte.**

– Ao deixar o seminário, afastei-me da religião, seduzido que estava pelas ideias existencialistas e nihilistas dos anos 60 e 70. Recentemente, passei por um processo profundo de reconversão, influenciado pela minha mulher, uma fervorosa cristã. Reencontrei o meu caminho rumo ao que realmente interessa. Hoje rezo todos os dias e me considero um filho abençoado e cuidado por uma força infinitamente superior às minhas.

– Como nasce o seu interesse por História, lembra-se?

– Quando era criança, levava o almoço para o meu pai que trabalhava numa lavoura de café. Meu pai tinha estudado pou-

---

**“Enquanto o meu pai comia, sentávamo-nos à sombra de um cafeeiro e eu o ouvia contar, com grande encantamento, histórias do Império Romano.”**

---

co, apenas cinco anos da escola básica, mas era um leitor voraz. Enquanto ele comia, sentávamo-nos à sombra de um cafeeiro e eu o ouvia contar, com grande encantamento, histórias do Império Romano. Vem daí esse interesse pelo passado que hoje orienta o meu futuro.

– Lindo! E agora o seu último título, 1822, razão que nos juntou aqui: ‘acusa’ D. João IV de ter esvaziado os cofres do Brasil e de ter deixado o seu país na penúria... Pode-se condená-lo? [risos]

– Essa condenação é relativa, Rita. Ao embarcar para o Rio de Janeiro, em 1807, D. João também esvaziou os cofres de Portugal. Estamos quites, portanto. [risos]

– Boa, prémio para “A melhor Resposta!” E quem foi a grande figura que aguentou o Brasil falido e desorientado, permitindo que este vingasse?



FOTO: MARIO GALIANO

Laurentino conta, sobre um café na sua terra onde come pastéis de bacalhau: “Na frente do estabelecimento, uma placa apontada para

o Norte indica que Lisboa está situada a ‘apenas’ 7 mil quilómetros. Sinto uma certa nostalgia toda a vez que vejo essa placa.”

*“O que sou é resultado das experiências acumuladas, às vezes em situações difíceis que pareciam levar a lugar nenhum.”*

– O grande artífice da Independência do Brasil é José Bonifácio de Andrada e Silva, um homem experiente, três décadas mais velho que o quase imberbe príncipe regente D. Pedro, de 22 anos, que o pai, D. João, deixara no Rio de Janeiro ao voltar para Lisboa, em 1821, com a responsabilidade de governar um território 93 vezes maior em extensão territorial que a pequenina metrópole portuguesa. Bonifácio percebeu que nessa terra de pobres, escravos, analfabetos e províncias isoladas e rivais, a única maneira de manter o Brasil unido era o regime de monarquia constitucional sob a liderança de D. Pedro. Foi essa a grande figura e essa a fórmula que triunfou em 1822.

– Ao reconstituir toda esta saga fabulosa, que sentimento guarda hoje a Portugal quando se reporta a essa época? Fomos pais mas também padrastrós?

– O Brasil é a maior invenção de Portugal, Rita! Hoje, pela sua dimensão territorial e populacional, é o grande herdeiro da cultura e da língua portuguesas no mundo. É um tesouro que nos cabe honrar e preservar.

– O historiador José Norton escreveu que este livro é “o abraço entre portugueses e brasileiros que já tardava há dois séculos”, o que deve ser maravilhoso de ouvir. Com que escritores portugueses já privou aqui e que diferenças encontra entre os dois universos culturais e editoriais?

– Tenho em José e Cristina Norton dois amigos queridos, cuja obra admiro muito. Obviamente, acabo de fazer aqui uma nova amiga escritora. [risos] Conheço também Inês Pedrosa de um evento entre escritores brasileiros e portugueses na Casa Fernando Pessoa, em Lisboa. Mas o meu relacionamento no universo intelectual português é maior na área de História. Gosto muito das obras do professor Eugénio dos Santos, da Universidade do Porto, autor de uma excelente biografia de D. Pedro IV. E também do trabalho do professor Jorge Couto, director da Biblioteca Pública de Portugal.

– E para terminar em ternura: ouvi dizer que adora pastéis

de bacalhau. Onde os encontra, em São Paulo?

– Perto da minha casa, na estrada entre São Paulo e Itu, existe um restaurante português chamado Rancho 53, que serve o melhor bolinho de bacalhau do mundo e oferece shows de fados nas noites de quinta-feira. Na frente do estabelecimento, uma placa apontada para o Norte indica que Lisboa está situada a ‘apenas’ 7 mil quilómetros de distância. Sinto uma certa nostalgia toda a vez que vejo essa placa. E mato as saudades comendo bolinhos de bacalhau. ●

Agradecemos a colaboração de  
El Corte Inglés  
e Eurostars Hotel das Letras